




As Nuvens (423 a.C)

Aristófanes



Limites do logos
Filosofia x Sociedade
Democracia e Retórica
Democracia, moral e guerra cultural



A comédia *As Nuvens*, de Aristófanes

- É uma das três fontes históricas diretas disponíveis sobre Sócrates, ao lado dos diálogos socráticos de Platão e de Xenofonte;
- Foi encenada pela primeira vez em 423 a.C., quando Sócrates tinha 47 anos. Sócrates foi condenado à morte 23 anos depois, em 399 a.C, aos 70 anos;
- Na *Apologia de Sócrates*, de Platão, Sócrates menciona a comédia de Aristófanes como uma das primeiras acusações que recebeu;

Contexto político: a democracia ateniense após a morte de Péricles (429 a.C.)

Reformas de Clístenes: Por volta de 508-507 a.C.

Batalha de Maratona: 490 a.C.

Guerra do Peloponeso: De 431 a.C. a 404 a.C.

Era de Péricles: Aproximadamente entre 461 a.C. e 429 a.C.

Primeira encenação de *As Nuvens*: 423 a.C.

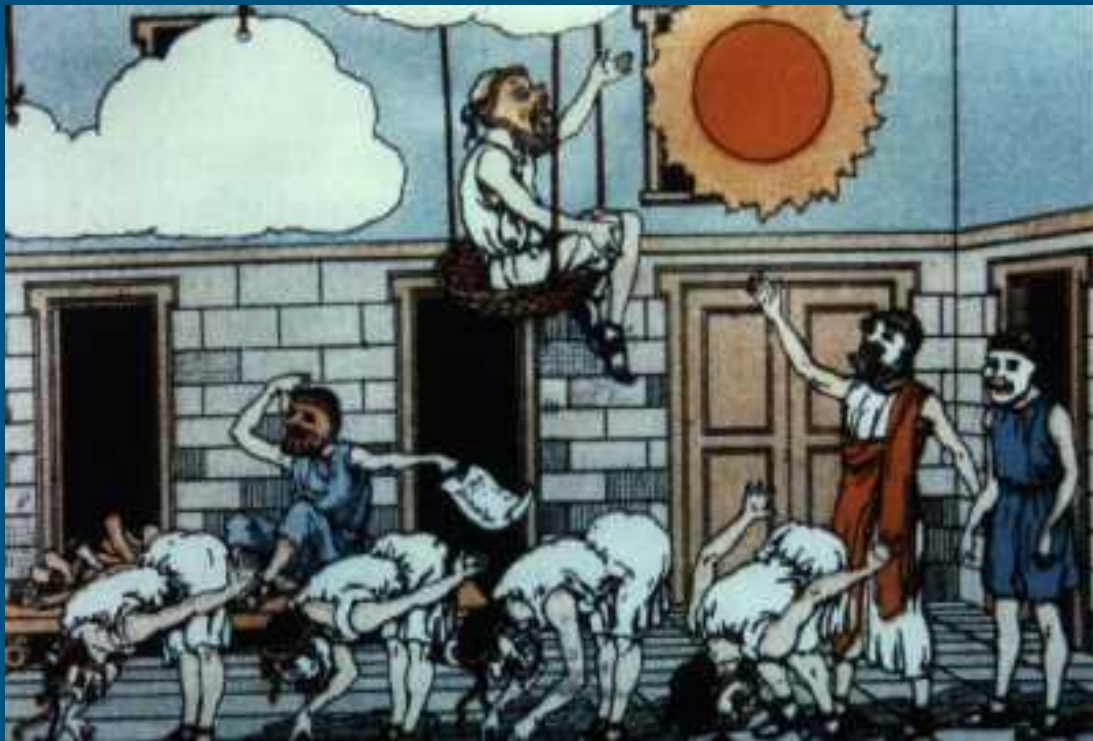
Morte de Sócrates: 399 a.C.

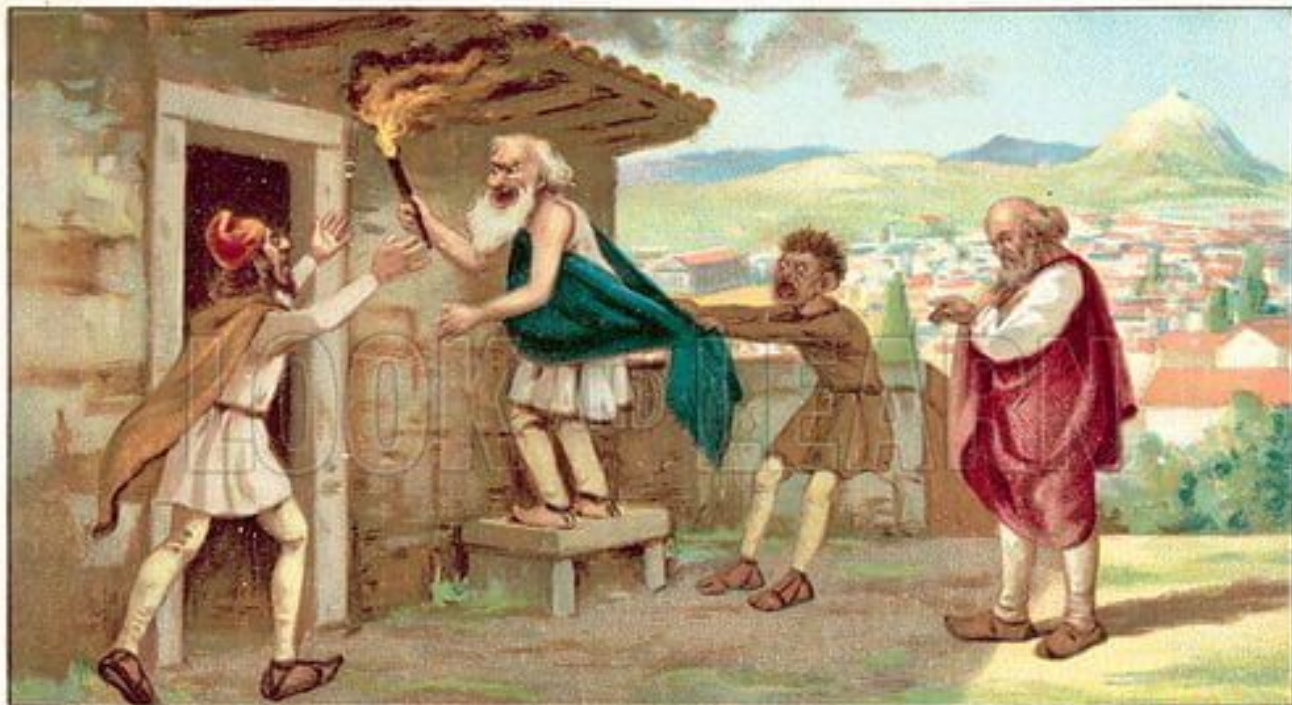
Tiranía dos Trinta: 404 a.C.

Restauração democrática: 403 a.C.

Sinopse

- Personagens
 - Estrepsíades
 - Fidípides
 - Sócrates
 - Pensatório
 - As Nuvens
 - Discurso Melhor
 - Discurso Pior





LE COMMEDIE DI ARISTOFANE. - 2. *Le Nuvole.*

PURO ESTRATTO DI CARNE LIEBIG.

Liebig

Riproduzione vietata.

Spiegazione a tergo

Recepção da comédia *As Nuvens*

- Leitura convencional: retrato falso de Sócrates como filósofo naturalista, sofista e excêntrico que promovia impiedade e corrupção. Motivação reacionária de Aristófanes;
- Leituras favoráveis a Aristófanes: ele não fez simplesmente um falso retrato de Sócrates e sua comédia discute problemas filosóficos importantes, sob a capa da superficialidade aparente: Hegel, Schlegel, Kierkgaard, Nietzsche, Leo Strauss, Martha Nussbaum e outros.

O problema de Sócrates I: qual é o "verdadeiro Sócrates"?

- Sócrates sofista?
 - Sócrates filósofo natural?
 - Sócrates de Platão?
 - Sócrates de Xenofonte?
-
- As representações de Sócrates como obras literárias de Aristófanes, Platão e Xenofonte, preservando alguma verossimilhança (BOLZANI FILHO, *Imagens de Sócrates*, 2014)

Strauss sobre a interpretação de Hegel

“O mais profundo estudioso de Aristófanes nos tempos modernos foi Hegel”
(STRAUSS, 1989, p. 115)

- Subjetividade livre, corrupção e decadência em Atenas. Papel "negativo" ou corrosivo da filosofia.
- Atualidade da comédia (Linden): o que acontece quando perdemos a crença em absolutos?

Hegel e As Nuvens

"Aristophanes was correct in the Clouds, that he did Socrates no wrong (...) Aristophanes belongs as much as any other in this circle of luminaries of the Greek world (...) 'The exaggeration for which Aristophanes could be faulted here is his consistency in pushing the dialectic to its bitter end; but in that, he was not unjust to Socrates.' (HEGEL, G.W.F. Lectures on the History of Philosophy. 1825-6. Volume II, 2006, pp. 144).

"When Socrates wishes to induce his friends to reflection, the discourse has always a negative tone; he brings them to the consciousness that they do not know what the Right is" (HEGEL, G.W.F. The Philosophy of History. Ontario: Batoche Books, 2001, p. 289)

"O desenvolvimento subsistente por si da particularidade mostra-se, nos estados antigos, como o momento em que irrompe a corrupção dos costumes e como fundamento último da decadência destes" (Hegel, G.W.F. Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito ou Direito Natural e Ciência do Estado em Compêndio. Terceira Parte: A Eticidade. Segunda Seção: A Sociedade Civil. Tradução: Marcos Lutz Müller. Ed. Unicamp. Pág.18).

Kierkgaard e As Nuvens

"Aristófanes chegou muito perto da verdade ao retratar Sócrates"
(KIERKEGAARD, S. A. O Conceito de Ironia, constantemente referido a Sócrates.
Petrópolis: Vozes, 1991, p. 18.

"As Nuvens expressam de modo notável o movimento do pensamento
desprovido de qualquer fundamento sólido."
(KIERKEGAARD, S. A. O Conceito de Ironia, constantemente referido a Sócrates.
Petrópolis: Vozes, 1991., p. 112).

O problema de Sócrates II: Nietzsche

- Qual é o lugar da razão na vida humana?
 - A razão tem autonomia em relação às contingências do corpo, psicologia, cultura e história?
 - A razão consegue substituir a tradição? A ciência produz valores?
 - É possível universalizar a filosofia?
 - Como conciliar filosofia e sociedade?
- Sócrates tomado como representante da resposta racionalista, e, portanto otimista a esta questão;
- Nietzsche como expoente da resposta "trágica".
- O problema de Sócrates como o problema dos excessos do racionalismo. Aniquilação do mito. Remédio radical. *Décadence*. Niilismo

Nietzsche e o "problema de Sócrates"

“O conhecimento mata a atuação, para atuar é preciso estar velado pela ilusão” (Nietzsche, NT, § 7, p. 56)

“Todas as forças da fantasia e do sonho apolíneo são salvas de seu vagar ao léu somente pelo mito. As imagens do mito têm que ser os onipresentes e despercebidos guardiões demoníacos, sob cuja custódia cresce a alma jovem e com cujos signos o homem dá a si mesmo uma interpretação de sua vida e de suas lutas: e nem sequer o Estado conhece uma lei não escrita mais poderosa do que o fundamento mítico, que lhe garante a conexão com a religião, o seu crescer a partir de representações míticas (...) Coloque-se agora ao lado desse homem abstrato, guiado sem mitos, a educação abstrata, os costumes abstratos, o direito abstrato, o Estado abstrato: represente-se o vagar desregrado, não referido por nenhum mito nativo, da fantasia artística; imagine-se uma cultura que não possua nenhuma sede originária, fixa e sagrada, senão que esteja condenada a esgotar todas as possibilidades e a nutrir-se pobremente de todas as culturas – esse é o presente, como resultado daquele socratismo dirigido à aniquilação do mito. E agora o homem sem mito encontra-se eternamente famélico, sob todos os passados e, cavoucando e revolvendo, procura raízes, ainda que precise escavá-las nas mais remotas Antiguidades.” (Nietzsche, NT, § 23, p. 135)

Fernando Pessoa e o "problema de Sócrates"

“Assim, não sabendo crer em Deus, e não podendo crer numa soma de animais, fiquei, como outros da orla das gentes, naquela distância de tudo a que comumente se chama a Decadência. A Decadência é a perda total da inconsciência; porque a inconsciência é o fundamento da vida. O coração, se pudesse pensar, pararia” (“Bernardo Soares”, Fernando Pessoa, Livro do Desassossego, 2011, p. 47).

Fernando Pessoa e o "problema de Sócrates"

ULISSES

O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo —
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.

Strauss sobre o problema de Sócrates em Nietzsche

"O racionalismo é otimismo, pois é a crença de que o poder da razão é ilimitado e essencialmente benéfico, ou que a ciência pode resolver todos os enigmas e afrouxar todas as correntes (...) As consequências plenas e últimas da mudança efetuada ou representada por Sócrates aparecem no Ocidente contemporâneo: na crença no esclarecimento universal e, com isso, na felicidade terrena de todos dentro de um Estado universal" (STRAUSS, 1966, p. 7)

Strauss sobre o "problema de Sócrates" em Nietzsche

“De acordo com Nietzsche, a análise teórica da vida humana que se torna consciente da relatividade de todas as visões globais, e desse modo as deprecia, tornaria a própria vida humana impossível, porquanto diminuiria a atmosfera protetora dentro da qual a vida ou cultura ou ação se torna possível. Além disso, uma vez que a análise teórica tem sua base fora da vida, ela jamais será capaz de entender a vida. A análise teórica não é comprometida e fatal para o comprometimento, e, no entanto, a vida é comprometimento. Para prevenir a ameaça a vida, Nietzsche podia escolher uma de duas vias: ele podia insistir no caráter estritamente esotérico da análise teórica da vida – quer dizer, restaurar a noção platônica da nobre mentira – ou podia negar a possibilidade da teoria propriamente dita e desse modo conceber o pensamento como essencialmente subserviente, ou dependente da vida e do destino. Se não o próprio Nietzsche, em todo caso, os seus sucessores adotaram a segunda alternativa” (STRAUSS, O direito natural e a abordagem histórica, p. 123) .

Leo Strauss sobre *As Nuvens*

- Aristóфанes como amigo de Sócrates;
- Aristóфанes como um sábio/filósofo;
- A mensagem de Aristóфанes não é apenas a da interpretação convencional.
 - Duas audiências
- Provas
 - Banquete, 189c-193e;
 - As outras peças de Aristóфанes;
 - O que Aristóфанes diz em *As Nuvens*, em seu próprio nome, para a plateia na parábase.

"A mais sábia das minhas comédias"

Parábase:

Ó espectadores, contar-vos-ei livremente verdades, por Dionísio, que me nutriu. [520] Que eu possa assim vencer e ser chamado sábio; dado que vos considero um público inteligente e estimo que esta é a mais sábia das minhas comédias, quis dar-vos a primeira prova desta comédia, que me deu trabalho máximo. Eu antes recuava derrotado [525] por homens acanalhados, indigno. Por isso culpo vossos entendidos, por causa dos quais escrevi essa peça. Mas nem assim abandonarei os sagazes entre vós, pois disso, dos homens dos quais me é agradável aqui falar, tanto o prudente e quanto o devasso³⁸ escutaram o primeiro prêmio. [530] E eu, porque ainda era virgem e não me era permitido dar a luz, expus a criança, e um outro, tendo a adotado, criou-a, e vós nobremente a alimentastes e educastes, e desde então tenho promessas de vossa decisão por mim. Agora, portanto, como a famosa Electra, esta comédia [535] vem almejando, encontrar um público inteligente assim. Pois reconhecerá, caso veja, o cacho do irmão. E percebei como ela é casta por natureza que em primeiro lugar entrou em cena sem ter costurado na roupa um falo grosso de couro³⁹ e vermelho na ponta para fazer rir os meninos. [540] Nem debochou dos carecas,

As Nuvens como reflexão sobre o "problema de Sócrates"

- A relação tensa, cômica e trágica, entre filósofos e sociedade;
- "Visto na perspectiva dos não filósofos, o filósofo é necessariamente ridículo, e visto na perspectiva do filósofo, os não filósofos são necessariamente ridículos; o encontro entre filósofos e não filósofos é o tema natural da comédia. É, como veremos, o tema das *Nuvens*. Não é, portanto, completamente um acidente que nossa fonte mais antiga e, portanto, mais venerável, a respeito de Sócrates seja uma comédia"(STRAUSS, 1989, p. 106)

Os deuses da cidade

SÓCRATES:

Vais jurar por quais deuses? Porque, em primeiro lugar, os deuses não são moeda corrente entre nós.

ESTREPSÍADES:

Então pelo que jurais? Pelos sidéreos, como em Bizâncio²¹?

SÓCRATES:

[250] Queres saber claramente como as coisas celestiais realmente são?

ESTREPSÍADES:

Sim, por Zeus, se é possível!

SÓCRATES:

E queres conversar com as Nuvens, nossas divindades?

ESTREPSÍADES:

Claro, quero muito!

SÓCRATES:

Então te senta neste sofá sagrado.

SÓCRATES:

[365] Elas são as únicas deusas que existem, todas as outras são tolices.

ESTREPSÍADES:

Pela Terra! Zeus Olímpio não é um deus para vós?

SÓCRATES:

Que Zeus? Não sejas bobo. Não existe Zeus.

O que são as "Nuvens"?

- Não são divindades pessoais e punitivas como os deuses olímpicos e mudam constantemente de forma
- Metáfora para o que Sócrates ensina: filosofia natural e retórica

Outras divindades

- Pouco depois de afirmar que só existiam as Nuvens, Sócrates insere outras divindades

ESTREPSÍADES:

E quem é que as obriga a moverem-se, não é Zeus?

SÓCRATES:

[380] Não, mas o **Vórtex**²⁸ do céu.

ESTREPSÍADES:

Vórtex? Eu não sabia que Zeus não existia, e sim um **Vórtex** é que reinava. Mas ainda não me ensinaste sobre a explosão e o trovão.

SÓCRATES:

Não me escutaste falar que as nuvens cheias de água caem umas sobre as outras e se rompem devido à sua densidade?

ESTREPSÍADES:

[385] Vamos! Como posso acreditar nisso?

SÓCRATES:

Eu vou te ensinar a partir de ti próprio. Quando te enches de sopa nas Panateneias²⁹, não ficas com dor na barriga e então ela de repente faz um barulho violento.

ESTREPSÍADES:

Sim, por Apolo! E em seguida ela me atormenta e se agita como se o molho fosse um trovão e estoura: [390] primeiro faz pa-pax, pa-pax; para então fazer pa-pa-pax; e quando alivia troveja: pa-pa-pa-pax, exatamente como as nuvens.

SÓCRATES:

Observa então o estrondo que tu produziste com uma barriga tão pequena: o ar sendo tão imenso, como não faria um trovão enorme? E é por isso que as palavras “trovão” e “peidão” são parecidas.

SÓCRATES:

Então, agora **não reconhecerás outros deuses** senão os nossos: esse Caos, as Nuvens e a Língua, somente esses três.

Falta de *phronesis*

"O Sócrates aristofânico é caracterizado por uma notável falta de *phronesis*, de sabedoria prática ou prudência" (STRAUSS, 1989, p. 121)"

Desconstrução do glamour sublime das coisas lá de cima

- “Ele não diz que o trovão é o mesmo que os sons que acompanham a diarreia, mas (cf. também 165) que é semelhante a eles. Ainda assim, a semelhança é grande; ela priva as coisas lá em cima de todo o seu glamour sublime. Sócrates desmistifica as coisas lá em cima (...) não há punição divina por perjúrio ou por qualquer outro crime. Sócrates chama Strepsiades de antiquado: A desmistificação das coisas lá em cima é inseparável da desmistificação da antiguidade, que as reveste com esplendor imponente” (STRAUSS, 1966, p. 19)

O *agon* entre o Discurso Melhor e o Discurso Pior: guerra cultural? Moral estrita x moral relaxada?

- Sócrates não está presente no *agon*
- A educação antiga x nova educação (liberdade: viver como lhe apraz = declínio da virtude)
- A habilidade do Discurso Pior de mobilizar aspectos da tradição contra a própria tradição

DISCURSO PIOR:

Velharias, pff! Como as Dipolias⁸², repletas de cigarras⁸³, [985] de Cedides⁸⁴ e de Bufonias⁸⁵.

DISCURSO MELHOR:

Mas, então, essas são as coisas com as quais nossa educação formou, naquele tempo, os guerreiros de Maratona. Tu, por tua vez, ensinas os de agora a tão logo se enrolarem em mantos, de modo que me sufoca quando é necessário que eles dancem nas Panateneias e, segurando o escudo na frente da salsicha, um descuida da Tritogênia⁸⁶. [990] Diante dessas coisas, ó rapazinho, nada

DISCURSO PIOR:

E ela, em seguida, tendo-o largado, foi-se embora. Afinal, ele não era fegoso nem tinha prazer em festejar embaixo dos lençóis noite adentro: [1070] uma mulher aprecia ser tratada com luxúria! Mas tu não passas de um velho caduco. Examina, pois, mancebo, tudo que está implicado na vida temperante, de quantos prazeres estás destinado a seres privado: meninos, mulheres,

93 Diz respeito à espada que Peleu ganhou de Hefesto, história aludida por Píndaro, Hesíodo e Apolodoro.

72

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 32, jan-jun, 2013, p. 1-98

Aristófanes

jogatinas⁸⁴, guloseimas, bebedeiras, gargalhadas. De fato, por que te valeria a pena viver, se fosses privado de tais prazeres? [1075] Vou além: falo agora das necessidades físicas. Supõe que erraste, que foste voraz no desejo e que praticaste algum adultério e, então, foste pego. Estarás arruinado, pois serás incapaz de justificar-te. Mas, comigo, fornicar é algo natural; cai na vida, ri, não consideres nada vergonhoso. Sendo um adúltero, caso sejas pego, responderás ao marido [1080] que não cometeste injustiça alguma. Além disso, mencionarás Zeus, que é incapaz de resistir ao desejo e às mulheres: como tu, sendo um mortal, poderias ser melhor do que um deus?

Individualismo e decadência: "liberdade" acima da virtude

“Não seria possível manter indefinidamente o feliz equilíbrio que a Grécia, em seus dias mais gloriosos, lograra estabelecer entre poder público e os direitos do indivíduo. Depois de ter auxiliado a cidade a dobrar a família patriarcal, o individualismo deixara-se, por algum tempo, conter, de um lado pela organização sempre sólida da pequena família, e, sobretudo, de outro lado, pela lei, que parecia inquebrantável, do Estado. Mas o direito do indivíduo iria degenerar em egoísmo. Mediante exigências cada vez maiores, mediante apetites que, cada dia, era mais difícil satisfazer, solaparia a família e arruinaria a cidade” (Gustave Glotz. A cidade grega, p. 243)

O motivo das pancadas de Fidípides no pai

- Briga sobre poetas preferidos: Ésquilo x Eurípides
- “Como Fidípides considera como certo e Estrepsiades não contesta, toda lei é de origem humana; é obra de **um homem como você e eu, que conseguiu persuadir os antigos por meio da fala**, ou seja, que não impôs, por exemplo, a lei que proíbe bater no pai com base em uma lei ou autoridade precedente. Portanto, nada impede Fidípides, ao persuadir seus contemporâneos, de estabelecer uma nova lei permitindo bater no pai. Isso poderia ser entendido como significando que **tanto a lei antiga quanto a nova têm o mesmo status, que ambas são leis apenas por meio de persuasão, acordo ou convenção**” (STRAUSS, 1966, p. 41-42)

A fragilidade do *nomos*

- Physis x *Nomos*
- Família x *Polis*

A corrupção de Fidípides

- Sócrates não corrompeu Estrepsíades e não é responsável pelas ações imorais de Fidípides;
- O arco da mudança de Fidípides do começo ao fim do enredo;
- Sócrates não converteu Fidípides à vida filosófica. **Sua natureza era imoderada.** Objetivos diferentes. A neutralidade de Fidípides com Sócrates;
- Sócrates e Fidípides estão "*Além do Bem e do Mal*". Mas o primeiro é inofensivo. O segundo não. Diferentes naturezas (ou temperamentos);
- Sócrates corrompeu Fidípides ao desconstruir as crenças que coagiam sua natureza imoderada;
- Fidípides como jovem tirano. Sócrates como involuntário formador de tiranos: Alcibíades e Crítias.

Aristófanes é uma nuvem

- Nem Sócrates, nem Fidípides acreditam nos deuses da cidade e em nenhuma divindade pessoal e punitiva e manifestam desprezo por essas crenças.
- As *Nuvens*, em contraste, “nunca negam que os outros deuses existem; em outros aspectos importantes, **elas evitam o extremismo de Sócrates**” (STRAUSS, 1966, p. 47).
- Para Aristófanes, “o panteão tradicional deve ser ampliado”.

Status problemático e precário do *nomos*

"Acima de tudo, Aristófanes não tem dúvidas de que a natureza, a natureza humana, necessita de normas. Aristófanes não rejeita o *nomos*, mas ele tenta trazer à luz o seu status problemático e precário, o seu status entre as necessidades do corpo e as necessidades da mente; pois se alguém não compreende o status precário do *nomos*, está fadado a ter expectativas irrealistas das normas" (RCP, p. 115)

Sócrates ignora os limites do *logos* na vida social e política

- "Essa falta de prudência se manifesta em toda a sua condução do incidente com Estrepsíades; esse estudante da natureza não considera adequadamente a natureza em seu aspecto mais importante na prática: as diferenças naturais entre os homens (...) Nada é sagrado para ele porque nada pode resistir ao seu *logos*; mas ele esquece o poder desse *alogon* que é a base da família e, portanto, da cidade; ele esquece o fato de que está à mercê da força, da força superior, ou que a força é a *ultima ratio*, o último *logos* da cidade" (STRAUSS, 1966, p. 48-49)

O racionalismo político clássico

- Reconhecimento dos limites do *logos* na vida social e política
- A necessidade da *phronesis*, da poesia e da retórica. Escrita esotérica.
- O nascimento da filosofia política e seu vínculo com o problema de Sócrates.
 - Sócrates de Platão e Xenofonte como resposta ao Sócrates de Aristófanes
 - “Nada me fez refletir mais sobre a reserva e a natureza esfíngica de Platão do que esse petit fait [pequeno fato], felizmente conservado: que sob o travesseiro do seu leito de morte não se encontrou nenhuma 'Bíblia', nada egípcio, pitagórico, platônico, mas sim Aristófanes. Como poderia até mesmo um Platão suportar a vida uma vida grega, à qual ele disse 'não' sem um Aristófanes?” (Nietzsche, 2005, aforismo 28)
- O legado da Filosofia Política Clássica para o pensamento republicano
 - Críticas republicanas à democracia pura
 - A aristocracia natural como regime ideal
 - Governo misto e das leis como melhor regime possível
 - Importância de um ensinamento de caráter edificante, um discurso das virtudes, assim como a consideração a respeito da importância da religião para a vida social e política